



Evento	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Entre licenciaturas e literaturas: o rançoso como possibilidade
Autor	LORENA MANSANARI SAIBEL
Orientador	LUCIANO BEDIN DA COSTA

Entre licenciaturas e literaturas: o *rançoso* como possibilidade

Lorena Mansanari Saibel – UFRGS

Luciano Bedin da Costa (orientador) – UFRGS

Este trabalho integra a pesquisa *Estudos de Zona: territorialidades, biografemas e discursos em licenciaturas*, desenvolvida desde 2012 na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Um dos seus desdobramentos é o Dicionário Raciocinado das Licenciaturas, uma compilação de verbetes produzidos por licenciandos dos mais diversos cursos e que, atualmente, conta com quatro tomos publicados em formato brochura. Através de provocadores literários, estes alunos são convidados a escrever acerca de suas experiências na Faculdade de Educação, do que costumeiramente chamam de “Aulas da FACED”. De maneira pejorativa, essa expressão costuma sintetizar aquilo que deve ser rejeitado ou ao menos negligenciado por boa parte destes alunos. A partir dos discursos falados e escritos pelos alunos de licenciatura, este trabalho se propõe a manusear o *rançoso* presente nessas falas. Esse *ranço* que atravessa as línguas e transforma o discurso, capaz de fazer com que um sujeito passe a desinvestir das disciplinas da FACED mesmo antes de tê-las cursado. No processo de construção dos verbetes, os alunos são levados ao enfrentamento do discurso que os envolve, um combate da língua no interior da própria língua. O *rançoso*, mesmo que tenha substrato na experiência vivenciada, sustenta-se enquanto discursividade. Sua funcionalidade é egoísta e pegajosa. Cola, gruda, embaraça, prende. No entanto, ao invés de rechaçá-lo, tratamos de (com ele) operar. Num primeiro momento trata-se de reconhecimento – o aluno é conduzido a ouvir aquilo que supostamente os outros dizem e que pode, ou não, dizer respeito ao que ele vivencia nas “Aulas da FACED”. Catar essas falas corriqueiras ou “grandes palestras” bem pensadas e encontrar esse *rançoso* que, mesmo gorduroso acre e nauseante, é capaz de seduzir. Num segundo momento o aluno é conduzido a lidar com o *rançoso*, a “tomar para si”. Com auxílio de Roland Barthes, utilizamos a literatura para “trapacear” a língua, operando na camada rançosa que o subjaz. Ao invés da reiteração cega, a fabulação e o potencial criativo. É o caso da aula desinteressante que faz com que o aluno se distraia, gerando outra forma de olhar e estar no mundo, como no verbete *Janelar* (Tomo IV): *É comum quando os alunos estão olhando para fora, a professora dizer que a turma está distraída. Isto é um grande engano (...) eles estão muito atentos em olhar o mundo lá fora.* O tédio discente e docente capaz de assassinar subjetivamente os sujeitos é trazido de forma literária em *Morrido* (Tomo III): *milhares de alunos morrendo de tédio, morrendo de ódio, morrendo de desejo de ver a morte daquele que morre todos os dias em salas diferentes.* Ou o ranço diante de uma mesma didática aparece de forma transmutada no verbete *Avon* (Tomo II): *Mas, afinal, onde está a distorção na FACED, quem perverte a ordem imposta naqueles dez andares de concreto, cadeiras e baiucas?* Então, propõe-se buscar na indelicadeza desses discursos rançosos a possibilidade de ser.